



## ***A INTELIGÊNCIA DA NAÇÃO, A EDUCAÇÃO E A MIELINA***

Maria Beatriz de Carvalho Melo Lobo

A capacidade de um indivíduo resolver problemas, ou se posicionar corretamente diante de novos desafios é o que se chama de inteligência e geralmente não é distribuída igualmente entre todas as áreas de atividades, sendo mais pronunciada em umas do que em outras, segundo Howard Gardner, que definiu, em seus estudos, sete tipos básicos de inteligência.

A capacidade de um país resolver problemas, ou se posicionar corretamente diante de novos desafios é a inteligência de uma nação. Esta inteligência faz com que o povo seja capaz de escolher melhor, elemento indispensável para a democracia, saiba exigir seus direitos e fiscalizar seus representantes, compreenda o papel da preservação ambiental e da ética na organização social.

Sabe-se que a inteligência de uma pessoa depende de fatores genéticos e ambientais (onde se situam, com relevância, os fatores culturais). Os fatores genéticos são razoavelmente aleatórios, porque dependem das combinações aleatórias dos genes dos pais, que as herdaram dos avós, e assim por diante, podendo sofrer mutações e erros de cópias de trechos de DNA's.

Os fatores genéticos são, portanto, de difícil controle e está cada vez mais claro que a variabilidade genética é mais importante dentro de uma mesma população do que entre populações. A etnia e o sexo não se mostram como fatores relevantes em experiências que foram conduzidas com os necessários cuidados para isolar corretamente essas variáveis.

Os fatores ambientais se mostram cada vez mais importantes em relação aos fatores genéticos, porque se pode atuar sobre eles. Seu principal componente é a educação!

Nos Estados Unidos, onde a maioria das estatísticas sobre a inteligência vem sendo compilada, o índice de QI (que mede as inteligências linguística, lógico-matemática e espacial) para populações como a judia e a asiática, demonstra que os judeus têm resultados nos testes de inteligência de quase um desvio padrão acima da população branca, em geral.



Da mesma forma, os jovens de origem asiática ficaram quase um desvio padrão acima da média americana nos exames de conhecimentos.

Parece haver aí uma contradição: seria a etnia, então, o fator mais importante? A resposta é não!

Estes resultados são uma demonstração de que a valorização da educação no lar e na escola faz toda a diferença e estes povos têm esta tradição. Está provado que crianças de origem modesta que tinham QIs bastantes inferiores têm grande aumento de desempenho nos testes quando criadas em ambientes mais cultos e exigentes. Muito mais que a genética, é a cultura de um povo que faz a diferença.

Está cada vez mais claro, também, que o esforço e a disciplina são os principais fatores para a elevação da inteligência individual e a cultura, disciplina, incentivo à autodisciplina e a valorização da educação formal e informal (uma criança de família culta ouve em casa 50% mais palavras do que a de uma de família comum).

Estudos recentes sobre desempenhos excepcionais em qualquer área, científica, artística, cultural ou esportiva identificaram que eles dependem de muito trabalho, cerca de 10.000 horas ao longo de 10 anos junto a um bom professor nos anos iniciais, que seja caracterizado pela modéstia e firmeza de caráter, que não acolha o erro sem reação e que estimule mais do que repreenda.

Resultados das neurociências indicam que o estudo sistemático, prolongado e executado com seriedade "pavimenta" vias preferenciais nas ligações neuronais, criando depósito de uma substância gordurosa (chamada mielina) capaz não só de assegurar a repetição perfeita do percurso do estímulo nervoso, mas a rapidez na transmissão que pode chegar a 100 vezes a do tempo normal de pessoas que não tiveram esse mesmo percurso de aprendizado. O cérebro de Albert Einstein, que era de volume nada excepcional, tinha, no entanto, camadas de mielina muito acima do comum.

Em nosso País, perdemos as referências. Escolas como o excelente Pedro II não existem mais como paradigmas do ensino. A disciplina e o esforço de professores e alunos não são valorizados. Estamos aumentando nossa sensibilidade para os deficientes físicos e mentais, o que é muito bom, mas temos diminuído a nossa sensibilidade para a excelência – o sucesso é mal visto por aqui.



Precisamos aprender com povos que tiveram sucesso na educação de sua juventude, alcançando resultados imprevisíveis para as circunstâncias (por vezes bem desfavoráveis), em que se encontravam. Talvez por isso, valorizam a educação como fator de sobrevivência! Ela também será o fator essencial para sermos um país bem sucedido e realmente democrático, no sentido de oferecer iguais oportunidades para todos!

---

Texto inserido no site em março de 2011.